

O CRISTÃO

NÓS PRÉGAMOS A CRISTO.

1ª Epist. aos Corinthios ap. I, v. 23.

Redacção:

Rua de S. Pedro N. 102

RIO DE JANEIRO

REDACTORES DIVERSOS

Publicação mensal

Assignatura annual . . . 3\$000

ADIANTADOS

Principia em qualquer mez, mas finda em Dezembro

NNO XI

Rio de Janeiro, Julho de 1902

NUM. 127

MEDITAÇÕES

I

«E aconteceu que, estando orando em certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discipulos: Senhor, ensina-nos a orar, assim como também João ensinou os seus discipulos.»

S. LUCAS XI, 1.

Alguem chamou a oração um «segredo entre Deus e o homem», que conduz para a gloria» e Luthero—que sabia orar como poucos—disse: «A verdadeira oração não a ouve nem entende ninguém, senão Deus, e o proprio homem, que ora, não sabe explicar; a oração, mesmo a que se faz em espirito; é semelhante ao compasso; o centro é uma idéa indizível e todas as palavras são o circulo, que elle percorre, este entendemos e levamos a presença de Deus, quando oramos. Deus entretanto attende ao desejo nosso—o centro [do] circulo nesta figura—, que existe no mais escondido e profundo cantho do nosso coração e que ultrapassa todas as nossas idéas. E fazendo Deus assim, o que ora reconhece com surpresa, que não só recebeu o que pediu como tambem até aquillo, que elle nem se atreveu a pedir.»

Orar porém não é proprio do homem no seu estado natural. Como o mundo não pôde receber o Espirito da verdade, porque não o vê, nem o conhece (S. João XIV, 17), assim tambem o mundo ou o homem, que guarda o espirito e idéas mundanas, não pôde orar, porque não vê e nem conhece o Deus vivo, o Pae, com

quem os filhos vivem na mais estreita intimidade

Pela linguagem distingue-se os homens dos animaes e até pela lingua se percebe a nacionalidade dos individuos; pois assim tambem pela linguagem da oração se destacam os filhos de Deus dos filhos deste mundo.

O exemplo de Christo, que estava orando em certo lugar, despertou nos seus discipulos, que como Pedro, André e João tinham aprendido a orar com João Baptista, o desejo natural de saberem orar como Elle, que certamente muito maior que João Baptista, devia ser mestre de oração.

Da oração de Christo os discipulos receberam o desejo de saber orar, portanto todo o aquelle que pretende ensinar a um outro a orar a Deus, deve ter como condição principal e indispensavel, o espirito da oração, que por sua vez sempre está prompto para procurar os corações dos outros, pelos quaes, o que deseja ensinar, pedir. Em resumo: a graça, ou por outra, o dom de orar não se adquire pelo estudo, mas sim pela oração do que sabe orar.

Aprendeis, pois, presado leitor, se não tendes a felicidade de saber orar, com o discipulo, que disse: «Senhor, ensina-nos a orar,» e podeis estar certo que ao formular este pedido estaes no caminho direito de serdes um dos privilegiados em oração.

Em resposta ao discipulo Jesus deu-lhes o Pae Nosso, a oração, como li algures, melhos em todo o mundo, porque ella encerra em si todas as boas orações. Em artigos proximos tomarei por assumpto de

gelro estudo esta grandiosa oração da qual Santo Agostinho diz : » Todas as orações dos Santos são só um Pae Nosso. »

Oh! que todos soubessem orar como os santos um «Pae Nosso» são os meus ardentes desejos

II

«*E elle lhes disse :
«Quando orardes, dizei :
«Pae nosso, que estás no
«Céos. . .*

S. LUCAS, XI; vers. 2.

Quando orardes, dizei !

Ha horas em que se sente a necessidade de *fablar*, o coração fica cheio e a boca sem sentir-se transborda. Bem sabemos que as simples palavras de que se compõe o «Pae nosso», se nós nos cingirmos a ellas só, desviam a nossa attenção e não foi este o intuito do Mestre, de dar nos uma formula de oração. Não ! O que Elle quiz foi antes de tudo mostrar-nos a posição em que nos devemos collocar, quando nos dirigimos ao nosso Deus.

Por isso vejamos.

Elle começa pela verdadeira palavra da fé : «Pae». assim como um filho nosso, quando o acariciamos ao colo, nos diz com toda ternura : «Querido pae», assim também devemos chamar ao Deus omnipotente, Creador do céu e da terra, de «amado Pae», afagando nos Elle sobre os joelhos (Isaías 66, 12). Si, compenetrados d'esta nossa condição de filhos, com toda a confiança buscámos a face do nosso Deus, damos um testemunho da nossa fé em Jesus, pois só pelos merecimentos d'Elle temos o direito de chamar a Deus pelo doce nome de Pae.

«Não vos deixarei orphãos», disse Jesus (S. João 14, 18) e na verdade com o «Pae nosso» Elle nos dá o penhor seguro de ternos um Pae que nos ama tanto, que nos deu o Seu Filho Unigenito para que todo o que n'Elle creê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Mas não é só isto, não sou eu só que posso dizer : «Pae». No dizer— «Pae nosso», incluo todos os meus irmãos n'esta oração, e haverá goso maior possível n'este mundo, que o de ser membro da sancta familia de Jesus—os que verdadeiramente o são, que me respondam—e assim, juntamente, levantar as mãos á Deus, dizendo : «que estás nos céos. ? Não que Elle esteja longe. (Jere-

mias 23, 23). Como o céu está estendido sobre a terra, assim Deus circumscreve e governa tudo de cima de sua sancta habitação (Deut. 26, 15). As nuvens são escondedouro para Elle, para que não veja; e passeia pelo circuito dos céos (João 22, 14). Entretanto nós o alcançamos sempre, quando com fé oramos «Pae nosso». Podia assustar-nos o facto, que Deus está nos céos, porque lá não entra cousa alguma contaminada; lá estão os anjos e archanjos, deante do Seu throno cantando louvores, e nós ? Nós estamos n'um mundo cheio de maldade, na triste condição de pobres peccadores. Mas, graças á infinita misericordia de Deus o Verbo que veio em carne, Nosso Senhor Jesus Christo, em carne resurgiu e subiu ao céu e lá está intercedendo por nós e guardando todos os que o Pae lhe deu.

Porém «si invocaes por *Pae*. Aquelle que sem excepção de pessoa, julga, segundo a obra de cada um, andae em temor» diz S. Pedro em sua 1.^a epistola, cap. 1, vers. 17 e Luthero na sua linguagem rustica exclama : «Si eu comprehendesse estas poucas palavras e acreditasse que Aquelle, que creou a terra e todas as creaturas e as tem subjugadas em suas mãos, é o meu Pae, concluiria também que eu sou um senhor do céu e da terra, que Christo é o meu irmão e que tudo me pertence. Gabriel seria o meu pagem, Rafael o meu cocheiro e todos os anjos os meus servos, quando me visse em apuros,» mostrando nos assim a grande importância d'este privilegio que Deus nos dá, de chamal-o «Pae Nosso».

OSMAR

Consôlo celeste

Quem noss'alma refrigera
Em transe de acerba dor
Quando um ser se desespera
A mingua de doce amor ?
Quem ao triste, ao perturbado
Vem trazer consolação,
Quando só, desamparado,
Jaz em profunda afflicção ?

Quem allivia a tristeza ?
Quem dá força ao que padece ?
E vem curar a incerteza
Que dentro em sua alma cresce ?

Quem faz nascer a esperança
 Que já se sente perdida,
 Fazendo ao peito a bonança?
 Quem nos alenta na vida?

É só tu— Jesus querido
 Que attendes ao que te implora,
 Succorrendo ao desvalido
 Que a teus pés curvado chora;
 És ao triste, de dia em dia
 Prazes calma e vens guiar,
 Oh! Jesus, sê tu meu guia,
 Vem minh'alma confortar.

LUIZ VIEIRA FERREIRA SOBRINHO.

As Viagens missionarias de S. Paulo

(James Stalker D. D.)

III

SUA SEGUNDA VIAGEM.

Em sua primeira viagem, pôde-se dizer que Paulo, provou as suas azas, porque a referida viagem ainda que cheia de aventuras, limitou-se unicamente á volta de sua provincia natal. Na segunda fez uma expedição muito mais longa e perigosa. Na verdade, esta jornada foi não só a maior que fez, como talvez a mais importante que consta dos annaes da raça humana. Em seus resultados sobrepuja a expedição de Alexandre o Grande, quando levou as armas e a civilisação da Grecia, ao coração da Asia, ou a de Cesar, quando desembarcou nas praias da Bretanha, ou mesmo a viagem de Colombo quando descobriu um novo mundo.

E no entanto, quando partiu não tinha a idéa da magnitude que a sua expedição ia assumir nem a direcção que deveria tomar. Depois de gozar de um pequeno descanso apoz sua ultima viagem, disse a seu companheiro: «Tornemos a ir visitar os irmãos por todas as cidades, em que temos pregado a palavra do Senhor, para ver como se portam.» Era o desejo paternal de vêr a seus filhos espirituaes que o impellia; mas Deus tinha designios muito mais importantes, que se desenrolavam diante de Paulo á medida que avançava.

Infelizmente o começo desta viagem foi manchado por uma disputa entre os dois amigos que tencionavam faz-la juntos. A causa desta desavença foi a proposta da companhia de João Marcos.

Sem duvida, quando este moço viu Paulo e Barnabé voltarem a salvamento do emprehendimento que elle abandonara, reconheceu o erro que commettera; e agora desejou relevar a sua falta acompanhando-os. Barnabé naturalmente desejou levar o seu sobrinho, mas Paulo absolutamente recusou. Um delles, homem de facil bondade, arguia o dever de perdoar e o effeito que uma repulsa teria num principiante; emquanto que o outro, cheio de zelo de Deus, demonstrou o perigo de fazer uma obra tão sagrada dependente de quem não poderia merecer confiança pois, «confiar em um homem infiel no tempo de perigo é semelhante a um dente quebrado ou a um pé luxado». Agora não podemos saber qual dos dous tinha razão ou se ambos em parte não a tinham. Em todo o caso, ambos soffreram por essa causa: Paulo teve de afastar-se zangado do homem a quem provavelmente devia mais do que a qualquer outro; e Barnabé separou-se do maior espirito da época.

Nunca mais se encontraram. Isto contudo, não foi devido á continuação da sua disputa. O calor da paixão logo se esfriou e o antigo amor voltou. Paulo em suas epistolas menciona com honra a Barnabé e na ultima de suas epistolas manda que Marcos se vá encontrar em Roma com elle, expressamente ajuntando que elle é-lhe proveitoso para o ministerio, isto é, para aquillo de que havia duvidado antes.

Contudo, até então, esta disputa os conservou separados. Concordaram dividir entre si a região que tinham evangelizado juntos. Barnabé e Marcos foram para Chypre e Paulo encarregou-se de visitar as igrejas no interior. Como companheiro levou consigo a Silas ou Silvano, em lugar de Barnabé; e não tinha proseguido muito em sua nova viagem quando encontrou quem tomasse o lugar de Marcos. Foi Timotheo, convertido em Lystra, durante a sua primeira viagem; era moço e gentil; e continuou como companheiro fiel e conforto constante ao apóstolo até o fim de sua vida.

Em cumprimento do proposito com que havia sahido, Paulo começou esta viagem visitando de novo as igrejas em cuja fundação havia tomado parte. Começando em Antiochia na direcção do noroeste, fez este trabalho na Syria, Cilicia e outras partes, até alcançar o centro da Asia

Menor, onde se completou o primeiro objectivo de sua viagem.

Porém, quando um homem está no caminho direito, toda a sorte de oportunidades se lhe depara. Quando Paulo acabou de passar por todas as províncias que antes havia visitado, novos desejos de penetrar mais além começaram a arder em seu peito e a providencia abriu o caminho. Seguiu para diante na mesma direcção para Phrygia e Galacia. Bithynia, uma grande provincia situada as longo da costa do mar Negro e Asia, uma provincia densamente povoada, no oeste da Asia Menor, pareciam convidal-o e elle desejou penetrar nellas.

Mas o Espirito, que guiava os seus passos, indicou, por meio a nós desconhecido, que estas provincias por enquanto lhe estavam cerradas; e seguindo na direcção que o seu divino guia lhe permitia, achou-se em Troas, cidade na costa noroeste da Asia Menor.

(Continúa.)

Réjane

O THEATRO

Esteve durante alguns dias nesta capital a eminente e talentosa artista franceza cujo nome encima estas linhas. Todos os jornaes, sem excepção, deslizeram se em elogios pomposos ao seu admirável talento de representar.

E que representou ella, com tanta naturalidade, e tanta arte?... Representou o que ha de mais corruptor para a familia; scenas ds adulterio, maridos que abandonam suas mulheres pelas amantes, mulheres casadas que corrompem ou são corrompidas pelos maridos de suas amigas, donzellas que se deixam seduzir, tudo emfim o que ha de pôdre, nojento, devasso e immoral na sociedade hodierna!

Não é preciso ir se ao theatro e assistir-se a essas deploraveis representações (deploraveis para os costumes e para a familia) para se saber os scenas immoraes que ahí se representam: toda a imprensa incumbese de dar com antecedencia um resumo do entrecho da scena a representar-se. As familias sabem portanto o que vão ver e ouvir; e toda a noite o theatro enche-se de familias!... As peças mais escandalosas foram representadas com geraes applausos

e assistidas por milhares de chefes de familias, em companhia de donzellas, de esposas jovens, de moços imberbes.

Que eschola de moral! Que eschola de virtude!.. Não se representou uma só peça moralisadora, nem simplesmente moral; todas ellas eram corruptoras e immoraes. Leia-se nos jornaes o entrecho de qualquer dellas, e ver-se-á a verdade do aserto; e nem ao menos havia um fim moral para salvaguardar as scenas escandalosas. Em todas, a malicia, a sensualidade, a hypocrisia, a mentira, são os sentimentos e os factos predominantes. Si no seio de qualquer das familias presentes áquelles espectaculos sensuaes occorresse algumas daquellas scenas representadas e applaudidas, daria causa talvez a dramas de sangue...

No entanto, muitos que antes eram ignorantes dessas miserias, vão agora alli, no theatro, aprender juntos, e juntos apreciar e excitar a imaginação, pais e filhos, mãis e filhas, jovens esposas virtuosas, moços já gastos, velhos nojentos de sensualidade, mulheres perdidas!...

Que eschola do vicio! que eschola da immoralidade!

E fallam em moral, esses que tem a moral em tão pouca conta, que applaudem e apreciam representações e scenas onde ha de tudo, menos a moral; ou antes onde a moral é combatida e destruida; aonde o vicio é proclamado, e ensinado, e desculpado, e tido por meritorio!...

Podeis imaginar os pensamentos que povoam o cerebro e escandecem os corações dos que assistirem a taes scenas de realismo sensual, ao sabirem daquella eschola, cerebros e corações de donzellas pudicas, de esposas virtuosas, de moços já predispostos á immoralidades pela educação facil do nosso meio social!

E ainda ha quem defenda o theatro como eschola de moral e de costumes!

Ao ler-se na imprensa as descrições das successivas «enchentes» de *gente boa e granda* e lendo se os entrechos das scenas representadas com geraes applausos quem tiver amor pelo futuro moral da Patria exclamará compungido e apprehensivo:

Pobre Patria! pobre Patria!...

LAURESTO.

Rio, Julho de 1902.

Paz

Na aflição, Senhor, do pensamento
Se debatia a alma angustiada,
Por baldões e incertezas agitada,
Não tendo descanso um só momento:

Lembrada do passado provimento
De tanta miséria vã ser carregada,
Seguindo tão somente a vil estrada
Do mal que a levára a tal tormento;

Nessa noite tenebrosa em que jazia,
Minha alma angustiada teve luz,
Uma auróra de paz e de alegria,

Um nome, nome augusto, em que transluz
Misericórdia e amor, que me dizia:
— « Vem a mim peccador, — *Eu sou*
[*Jesus*]. —

Rio 25 de Julho de 1902.

JOÃO TEIXEIRA MACHADO.

Recordações de Viagem

Ainda que um pouco tarde, não faz mal
contar algumas impressões que me ficaram
da viagem aos Estados Unidos, e á
Inglaterra sobre os serviços religiosos.

Certas LEITURAS RESPONSIVAS que aqui,
no Brazil, só conhecemos feitas pela Igreja
Episcopal Brasileira, lá são admittidas
e feitas em todas as igrejas. O pastor lê
um verso de algum dos psalmos e a congregação,
em côro, lê o verso seguinte,
o pastor lê outro, e a congregação o seguinte,
e assim por diante.

Aqui, na Assc. Christã de Moços, em
quanto dirigi a aula biblica aos domingos,
experimentei esse costume de leitura
responsiva do trecho que tínhamos de estudar,
e notei que dava bom resultado,
pela animação que provoca.

A oração dominical é feita em commun,
em voz alta em todas as igrejas.

E é esse um costume que devíamos
adoptar nas nossas reuniões : a oração final,
é a oração dominical, que todos fazem
juntos e compassadamente.

Mesmo no culto de familia, terminada
a oração isolada do chefe da casa, todos
então fazem juntos, a oração dominical.

FERIAS.—Nos Estados Unidos é uso em
todas as igrejas, geralmente, o pastor ter
3 ou 4 mezes de ferias no verão, com o
ordenado. Vão então para fora da cidade

descançar, para as montanhas, para os
campos, etc. etc., e preparar a serie de
sermões que têm de dizer na temporada
seguinte. E como quasi todas as igrejas
tem pastores ajudantes, estes é que to-
mam o lugar e o serviço, na ausencia do
primeiro. A' medida que os ministros vão
ficando conhecidos, ou á medida da riqueza
das igrejas e das congregações, então os
seus ministros pregam cada vez menos ;
uma vez por semana por muito favor. E
que bons vencimentos annuaes !...

Quão differente do que se passa por
cá ! Os nossos pastores levam anno apoz
anno, sem descanso, occupando o pulpito
2, 3, e mais vezes por semana, e quanto
melhores e mais conhecidos ficam, mais
vezes tem de pregar !...

Não têm ajudantes ou substitutos effec-
tivos ; não tem igrejas ricas ; nada ! E
que vencimentos ? !... Nem se falle...

—Mas as ferias de verão não alcançam
somente os pastores ; vão até aos mem-
bros. Nas cidades populosas, muitas igre-
jas fecham-se no verão, ou porque os pas-
tores vão para o campo, ou porque a
concurancia é tão diminuta que não paga
a pena o serviço. De facto, no verão, as igre-
jas ficam vasias, como diversas dellas vi ; e
não é que quasi todos os membros saiam
tambem para fora, para as cidades mari-
timas, etc., não, senhor.

Porem, por causa do muito calor, ou
ficam em casa, ou vão a excursões cam-
pestres, aos jardins, aos arrabaldes, etc.
etc. Nos domingos esses lugares de diver-
timentos estão cheios de povo, se refres-
cando e se distraindo.

TEMPLOS.—Uma cousa porem é exacto :—
é a boa vontade com que todos contribuem
para o melhoramento material de suas
casas de culto. Qualquer cidade tem mu-
ltas igrejas ; pois qualquer dellas, a mais
simples, é mais confortavel internamente
que qualquer das nossas igrejas ; e isso
devido á liberalidade em donativos excep-
cionaes e contribuições regulares, com
que todos concorrem. Nos domínios da
espiritualidade delles eu não entro ; porem
seria muito para se desejar que nas nos-
sas diversas igrejas houvesse essa fran-
queza, e methodo, mesmo generosidade
nas contribuições para a manutenção do
culto.

Então não se veria a falta de commo-
didades que em geral se nota nos nossos
templos, e os ministros seriam melhor re-

munerados, não necessitando procurar fôra da igreja meios de subsistencia. Poderiam se dedicar completamente ao seu ministério; e a causa de Christo, sob qualquer aspecto teria tudo a ganhar, com a liberalidade dos membros das igrejas.

Cada igreja esmera-se em ter um côro bem educado, e um excellente organ. Algumas vezes, como meio de attrahir ouvintes, e chamar grande concurrencia de fieis, cantores celebres vão lá cantar solos que encantam. E o uso de fazer-se o canto e a musica tomarem papel mais que saliente nos cultos, tem provocado os protestos de ministros que combatem esse modo (não o simples cantar dos hymnos) de agradar aos ouvintes, em detrimento do Evangelho.

Todo o excesso é, de facto, prejudicial; porem é verdade que um côro bem organizado, com vozes boas e educadas, e um organ bem tocado, são cousas que deliciam o ouvinte, e preparam a alma a ouvir com gosto a Palavra Divina. E nisto de côros nas nossas igrejas, confessemos que estamos n'um estado lastimavel; os hymnos de louvor a Deus são cantados de modo a deixar a gente nervosa...

FRATERNIDADE.— Notei nos Estados Unidos e na Inglaterra, que geralmente ha muito mais fraternidade entre as diversas denominações, do que se vê entre nós. No verão, pastores baptistas ficam tomando conta provisoriamente de serviços methodistas; methodistas de presbyterianos, etc., etc., conforme as conveniências e arranjos entre si.

E assim alternam-se mutuamente sem haver reclamações nem desharmonias.

Si uma igreja congregacionalista fecha-se por algum tempo, e ha proximo uma presbyteriana, os membros d'aquella frequentam esta, como sua, durante o tempo necessario. E assim com as outras.

A CEIA.— Nos dias de communhão ha um excellenté costume que seria muito bom si fôsse adoptado entre as nossas igrejas.

Findo o sermão, o ministro annuncia que se vai proceder á communhão para os membros da igreja; e enquanto se canta um hymno podem se retirar as pessoas que não são membros ou não querem participar da Ceia. Assim ficam só na sala as pessoas que querem commungar, e a estes

se lhes dá a Ceia, indistinctamente, sem indagarem de que igreja são. E' intuitivo, que desde que permaneceram na igreja depois do aviso do pastor é porque são membros de igreja e desejam commungar.

Si não o forem, ou não tiverem direito de participar «comerão e beberão para si a condemnação».

E' esta uma fraternidade christã que existe até na maioria das igrejas baptistas. E de facto convidando-se geralmente aos que quizerem participar da Ceia, dá-se uma bella prova do amor christão, que não faz escolha e distincções, entre membro e membro. «Examine-se pois cada um a sua consciencia e coma deste pão e beba deste calix» disse S. Paulo. Não compete pois ao homem indagar da consciencia do seu irmão; si este bebeu indignamente do calix a condemnação será sua. Partindo deste bello principio é que tive occasião de participar da Ceia do Senhor no grandioso Tabernaculo de Spurgeon, em Londres, permanecendo no recinto depois do convite do Rev. Thomaz Spurgeon. Deram-me a Ceia, sem me perguntarem de que igreja eu era. Desde que eu me considerava digno de participar, isso era com a minha consciencia, nada tinha com elles. E assim tambem participei duas vezes da Ceia, em «Talbot Tabernacle» outra grande igreja do systema baptista, de Londres.

Esse costume de faser-se tal aviso ante da Ceia é tambem muito bom, porque muita gente de fora que não comprehende ou que não tem o minimo interesse em tal sublime acto, fica retida a contra gosto e sem proveito, até o fim do culto.

Assim da-se-lhes liberdade de sahir ou de ficar.

CARTÕES DE MEMBROS.— Outro bom costume: nos dias de Ceia, cada membro daquellas igrejas, ao entrar, recebe á porta dos diaconos, um cartão numerado, em correspondencia com o seu numero de inscripção no rôl dos membros. Assim, depois de terminado o culto, o ministro sabe pelo numero que falta quaes os membros que não compareceram á igreja ou não commungaram. Faltando 2 ou 3 vezes, o pastor ou os presbyteros, vão então visitar esse membros e saber os motivos porque não têm comparecido e participado da Ceia; se doença, si alguma queixa, etc. etc.

Aqui, sendo uma igreja numerosa, muitas vezes passam-se 6 meses e mais, sem

que algum membro commungue, e o facto passa desapercibido dos pastores, que por esse motivo não visitam o irmão ausente.

Com o systema de cartões numerados para os crentes, logo á primeira falta de participação da Ceia o pastor teria disso conhecimento, e iria, á 2.^a falta, visitar ao irmão e saber o motivo da sua ausencia á communhão.

ASSENTOS NUMERADOS. Estes cartões numerados estão geralmente em connexão com os assentos numerados. Cada membro tem seu lugar numerado nos bancos da igreja.

Esse numero preenche dous fins essenciaes, que são uteis; e não significa odiosas distincções como á primeira vista parece. Todos os que frequentam com regularidade sua igreja, sabem que cada qual tem seu banco predilecto, onde gosta mais de se assentar; e não gosta muito quando ao chegar a igreja acha já tomado o seu lugar predilecto. Qualquer contribuiria de boa vontade para a igreja, para ter sempre seu lugar reservado.

Pois bem; o lugar numerado preenche esse dous fins: olha pela commodidade dos membros assíduos da congregação; e é um bom meio, ou antes um pretexto para uma contribuição mensal (ou annual) regular de cada membro. Essas contribuições regulares dos membros pelos seus lugares reservados são voluntarias, e não têm limite; cada um dá quanto quer: um que póde dá 20\$000 por mez; o que não póde dá 1\$000 etc.

E isto sem vexame, e sem especulação, e sem regateios, pois é para a manutenção do culto divino.

Não é esse um bom meio de contribuição?

O CALIX INDIVIDUAL. — Resta-me por fim, fallar de uma inovação original, na Ceia do Senhor. E' o uso que pouco a pouco vae se propagando, de um calix pequeno para cada pessoa que communhar. Muitas e muitas egrejas de diversas denominações já adoptaram esse systema de servir o vinho na Ceia; para evitar contagio de molestias transmissiveis, e a repugnancia instinctiva que muitos crentes tem de beber pelo mesmo copo onde todos bebem. Cada igreja tem tantos calices, quantos membros; e aos Domingos de Ceia, os presbyteres passam entre os bancos um pequeno galheteiro, de onde

cada qual tira seu calicesinho (que pode conter apenas um gólo de vinho, quando muito) bebe, e deposita-o outra vez no galheteiro. Aqui não entro na conveniencia ou não deste uso do calix individual; a questão é muito mais difficil e mais grave do que á primeira vista parece. Menciono apenas o facto a titulo de curiosidade, reservando-me para mais tarde, e si houver oportunidade, escrever detalhadamente sobre esse importante ponto.

Terminando, espero que algumas destas observações acima expostas, e alguns desses exemplos sejam seguidos e sejam de utilidade practica nas nossas igrejas evangelicas; e foi nesse intuito que as escrevi.

Rio, Julho de 1902.

LAURESTO.

O Catholicismo Romano

E

O Christianismo puro

Na rapida leitura que acabamos de fazer das «razões que ao tribunal da opinião publica apresenta o advogado A. Teixeira da Silva,» a experiencia nos mostra o interesse que se vai dando á publicação dos livros religiosos.

Hoje temos sobre a mesa mais uma prova do nosso asserto. O desenvolvimento natural e progressivo da litteratura evangelica, outr'ora amesquinhada e mal comprehendida, deixa vêr a attenção e o zelo em acudir aos ataques constantes do romanismo, seita que não se farta de innovações. O mal circula com terrivel velocidade e o contagio ameaça invadir para corromper tudo. O clero, guiado por um instincto de perversidade, é o mortifero veneno que se propõe a destruir os ensinamentos divinos, e depois, padecendo um imperdoavel anachronismo, quer obrar e agir por caminhos escuros e squalternes.

Porem ha homens no Brazil e juizes em Berlim. O autor do livro contribue valorosamente pela disseminação do «christianismo puro» e falla primorosamente daquellas grandezas que se encontram bellamente compendiadas no Livro santo. Rebaixa, em circuitos de ferro da hão logica, os jesuitas solapadores do edificio social e religioso, os roupetas revolu-

cionarios e intolerantes, os frades politiquinhos e mentirosos. Desvanecem-se, em estylo facil, as accusações que se tem feito á doutrina inimitavel do Evangelho. E «a lei de Deus», «a missão dos discipulos de Christo», «a vida alem tumulo», capitulos bem formados, são de muita elevação e dispostos com apurado gosto.

Talvez nem todos os leitores tenham estudado a adoração e o culto que devemos ao Creador; talvez bem poucos sabiam que Henrique Agripa censura nestas palavras as invensões papaes: «Os costumes corrompidos e a falsa religião dos gentios corromperam tambem a nossa religião, introduzindo na igreja imagens e pinturas com muitas ceremonias de uma pompa externa, o que nada disto se viu entre os primeiros christãos verdadeiros» (pag. 17 e 18). Pois bem, contra os erros da idolatria, como resposta á apologia dos santos, o livro a que nos reportamos é por demais instructivo e cheio de novidades; é interessante no modo de coordenar os diversos assumptos e attrahente na linguagem simples e desfastidiosa.

Só quem se dedicar á leitura do folheto, que tem cento e trinta e duas paginas, poderá então avaliar a pujança do talento de mais esse escriptor evangelico, a argumentação solida e retumbante que ahí se oppõe aos *vigarios de Christo*, reprobos e condemnados pela sentença apocaliptica.

Fragmentos

Apparente contradição nas Escripturas.

Em Gen. 46 v. 26, 27 está dito que todas as almas que foram com Jacob para o Egypto (não incluindo as mulheres de seus filhos), eram sessenta e seis, ou (incluindo Jacob, José e seus dois filhos), setenta.

Em Actos 7 v. 14 se diz que setenta e cinco. Este ultimo incluye as nove mulheres dos filhos de Jacob (porque as mulheres de Juda e Simeão eram mortas e a de José estava já no Egypto).

Estas nove pessoas reunidas ás sessenta e seis, completam as setenta e cinco mencionadas em Actos.

Jehovah—Os Judeus nunca pronunciam o nome—Jehovah; porém quando elle occorre nas Escripturas, lêem Adonai ou Elohim.

Estas ultimas palavras são consequentemente muitas vezes postas em *M. S. S.* (manuscriptos) pela primeira.

Jordão—Os valles do Jordão fazem uma escura, profunda e terrivel separação entre o E'ste e Oeste da Palestina. Provavelmente é por esta razão que passar o Jordão tem-se tomado um symbolo da morte.— *João dos Santos.*

CORRESPONDENCIA

Do nosso correspondente em Lisboa recebemos as seguintes noticias:

«Lisboa, 26 de Junho de 1902.

Estive no Algarve, por motivo de saude, e segundo conselho do medico. Comecei logo a respirar mais regularmente e achome mais forte.

Caldas de Monchique

Estive neste lugar, onde tive occasião de dirigir umas reuniõesinhas num quarto da avó dum padre, assistindo umas 28 pessoas na maior destas reuniões. O *colporteur* Sr. Romão Peres, que se encontrou commigo, convidava e attrahia os banhistas, ensinando-lhes hymnos e assim, pelo favor de Deus, tivemos ensejo de vêr almas verdadeiramente anciosas, chorando por terem andado tão longe do caminho de Deus.

O director deste estabelecimento é o Dr. Bentes Castel-Branco, que trata pelo systema Kneippe. Offereci-lhe um livro e elle comprou outro. Apesar de se dizer que a mãe é muito fanatica, o doutor conversou commigo muito amigavelmente, contando-me a historia daquella pittoresca estancia, desde os tempos mais remotos e segundo o que elle lera nos archivos, e concluiu agradecendo-me pela visita áquelle lugar e por tudo a bem daquella gente procurara fazer.

Silves

Neste lugar visitámos os presos e tivemos algumas reuniões familiares, bem como em Tavira e em Olhão. Em algumas destas terras pedem conferencias publicas. Esperamos que Deus mande obreiros para que se possa attender a todas estas portas que se estão abrindo ao Evangelho. Em Faro distribuimos mul-

tos folhetos na Avenida, á hora em que ali passavam as pessoas de mais influencia da cidade. O arcebispo tem procurado impedir a distribuição de Biblias na sua diocese.

Abuso de poder

O administrador de Olhão disse ao *colporteur* Sr. Peres que não podia vender Biblias; elle, em requerimento, pediu que lhe dissesse por que motivo era prohibida a venda, para poder informar a casa editora. A resposta foi—*indeferido*. O irmão Peres continuou vendendo os seus livros a todas as pessoas que manifestavam desejo de ler a Palavra de Deus, e ainda por ali se demorou umas tres semanas. De Loulé tambem o administrador o mandou avisar de que não voltasse por lá tão cedo, porque tem ordem para o prender. Naquelle concelho distribuiu o Sr. Romão Peres algumas dezenas de Biblias e grande numero de tratados evangelicos. Agora está em Tavira, onde o deixei, mas espera voltar a Loulé e a Faro.

Esforço Christão

Tivemos aqui a visita do distincto norte-americano e dedicado obreiro evangelico, o Dr. Francis Clark, que veio dirigir duas importantes conferencias, uma na Arriaga, (salão grande da Igreja Escocesa) e outra no Cascão, sobre a grande obra universal da Sociedade de Esforço Christão.

O ramo estabelecido no Cascão tem sido de grande benção para aquella igreja, pelo favor de Deus, e agora anna em começar um outro — *Esforço Christão de Mães*— para a igreja da Arriaga.

Nova Casa de Oração

Inaugurou-se já a nova casa de culto que o Sr. Carvalho abriu no Rocio d' Abrantes (povoação de 1.500 almas). De Lisboa foi a Sra. D. Anna Carvalho, o filho e mais alguns membros da igreja do Cascão. De Portalegre o Sr. Silveira, o Sr. Lenos, o Sr. Mendes e o Sr. José Alexandre.

Boers

O Sr. Wright foi a pedido do commandante boer, o Sr. Mostert, que queria annunciar o Evangelho aos seus vizinhos antes de regressar á Africa. O Sr. Wright experimentou grande satisfação em poder

prestar serviços de interprete áquelle cavalheiro e ficou com desejos de voltar ali antes que o Sr. Mostert se retire. Assistiram 200 pessoas e entre estas muitos boers que cantaram os hymnos em hollandez. O Sr. Raul Gonçalves (nosso irmão e activo industrial naquelle lugar) foi o intermediario para o pedido ao Sr. Wright. Deus abençõe esta nova casa e mande obreiros á sua messe, de modo que possam ser attendidos com cultos regulares todos esses nossos centros.

José M. Barreto

Este irmão é esperado aqui no dia 3 do proximo Julho, afin de seguir para Neu-Châtel (Suissa), onde vai fazer um curso de tres annos num instituto evangelico.

Fraternidade Evangelica.

Por estarmos de pleno accôrdo no assumpto, abaixo transcrevemos do nosso collega «O Jornal Baptista», de 27 de Junho, desta capital, alguns trechos de um artigo intitulado «O nome Baptista» e subscripto pelo Rev. F. Soren, muito digno pastor da Igreja Baptista desta capital, a quem felicitamos pela sua isenção de animo rara no nosso meio evangelico, e na denominação a que pertence.

«O NOME BAPTISTA»

A pratica actual de nossas igrejas no Brazil quanto ao uso do nome Baptista é, quanto a mim, injusta; ou antes a pratica em não usarem esse nome quando deveriam usal-o, substituindo-o por outros, não menos dignos, mas que não deveriam, penso eu, ser usados no lugar do nome Baptista.

Refiro-me aos nomes dados a nossas igrejas em diversas partes do paiz, e. g., «Igreja de Christo», «Igreja de Deus», etc. Ora, nós cremos que as nossas igrejas são de Christo e que são de Deus, porém isso não é razão para abandonar-se o nome Baptista.

Essa pratica parece-me um tanto prejudicial:

E' offensiva ás outras denominações evangelicas; pois, a ellas isso parece, e não sem boa razão, que nós Baptistas consideramos igrejas de Christo somente

as nossas egrejas; ao passo que todos os Baptistas reconhecem que as outras igrejas evangelicas são congregações de crentes em Christo, e se compostas de crentes em Christo, portanto igrejas tambem de Christo.

Para comprehendermos melhor a inconveniencia que ha em tal pratica, imagine-se que todas as denominações evangelicas adoptavam a mesma pratica, chamando suas igrejas pelos nomes de «Igreja de Christo» e «Igreja de Deus», pois que tem o direito de fazel-o. Que confusão seria isso! Que Babel!

Essa pratica é decididamente uma innovação desnecessaria. Já temos tido appellidos bastantes, fiquemos com esses e não busquemos outros. Digamos, em vez de «Igreja de Christo» ou «Igreja de Deus», Igreja Evangelica Baptista, ou simplesmente Igreja Baptista, pois todos sabem que a Igreja Baptista é evangelica, e dispensem-se innovações.— F. F. SOREN.»

Sentimos não ter espaço bastante para transcrever todo o bom artigo. Por esses trechos, porém, pôde-se bem avaliar da sensatez com que foi escripto.

Nossos applausos fraternaes ao irmão baptista.

Presbyterios:

a) DO RIO DE JANEIRO.— Este presbyterio reuniu-se nesta cidade nos dias 10 a 14 de Julho, tendo sido eleito moderador o Rev. Antonio Trajano.

O facto mais notavel foi a ordenação ao sante ministerio dos licenciados Baldomero Garcia e Henrique Louro de Carvalho.

O Rev. Franklin, depois de ter andado pelo estado de S. Paulo, voltou de novo para este presbyterio, por carta demissoria do de S. Paulo, e foi encarregado da Igreja de Nietheroy, que bem precisa de um ministro que dedique a ella toda a sua actividade.

O Rev. Antonio Trajano pediu e obteve jubilação, attento ao seu estado.

b) PRESBYTERIO DE S. PAULO.—Reuniu-se na Igreja Unida, na capital. Ahi foi ordenado o licenciado Salomão Ferraz. O presbytero Dr. Silva Rodrigues propoz que se nomeasse uma commissão para es-

tudar a questão maçonica á luz da palavra de Deus.

Esta proposta não agradou e cahiu. Pazamos nossos.

Paciencia e coragem!

«Roma não se fez num dia...»

c) PRESBYTERIO OESTE DE S. PAULO.— Reuniu-se em Botucatú. A questão maçonica ahi foi tambem agitada, e fortemente debatida.

Este foi o presbyterio que no anno passado, sob proposta de um ministro maçon, ordenou que nenhum ministro fallasse ou escrevesse sobre a questão maçonica! (E delle faz parte o Rev. Eduardo Pereira...) Este parenthesis elucida a razão da proposta.

Felizmente, para os seus creditos, e para a liberdade de pensamento, desta vez, por maioria de um voto, reconsideraram o seu acto anterior, retirando-o das actas; e resolveram retirar a queixa ao synodo! Bem haja.

Ahi foi ordenado o licenciado Constançio Omegna, que tomava conta da Igreja de Nietheroy.

Nossos sinceros parabens aos nossos ministros do Senhor. Que na grande vinha do seu Mestre trabalhem com todo o amor e dedicação, de modo que muitas almas achem o caminho da salvação.

São os nossos votos.

A MANQUINHA DE ANTIOQUIA

HISTORIA DO PRIMEIRO SECULO

CAPITULO XII

(Conclusão)

A manquinha em casa outra vez;— a semente brota;— os fructos se mostram;— o philosopho se rende;— as orações recebem a sua resposta.

Pela primeira vez, depois de muitas noites, Victoria dormiu, e a expressão de repouso se estendeu pelas suas feições.

Cançada do muito velar, e consolada pela esperanza, a velha Graia adormeceu na cadeira ao pé. Quando Victoria acordou, a velha resonava com a cabeça cahida sobre o peito.

Por uma das janellas Victoria viu as nuvens que encobrião o céu como folhas de

rosa, e o rio que corria scintillante. Não demoraram muito ali, porém; procuraram logo pela outra janella as portas do palácio. Ali a sua vista demorou-se enquanto a fé levou os seus pensamentos e orações pela «Via nova e de vida,» para casa do Pai Eterno acima. Assim estava quando Graia acordou e principiou a resmungar de si mesma, e dos seus olhos velhos e adormecidos, por sua falta de cuidado. Mas Victoria tomou uma mão da velha entre as suas transparentes, e disse com a branda autoridade de menina doente, cujos padecimentos e paciencia lhe deram direito a seu galardão:

«Ajoelha-te vó-vó, junto de minha cama. Havemos de orar juntas. Eu hei de ficar boa. Jesus Christo, meu e vosso Senhor, ouviu as nossas orações, viveremos para o louvar.»

O estoicismo da Velha Graia se rendeu completamente. Dobrou os joelhos, e, encostando o rosto á mão da neta, soluçou com ella de tempos a tempos as palavras da sua oração:

«Graças te rendemos, oh! Jesus Filho de Deus,» disse Victoria, «me curaste porque nos amaste a nós ambas, e nos has de dar quantas benções podermos suppor. Sempre nos abençoaste, mas nós não te conheciamos; nós desconfiávamos de ti; nós nos queixávamos de ti, e Tu foste cravado na cruz Oh! nosso Pai, agora já te conhecemos! Elle nos approximou de Ti. Elle nos remiu a Ti pelo seu sangue, e para sempre havemos de render-te graças.»

Cessou, mas Graia não se levantou.

«Mais alguma cousa para mim, minha filha, eu tenho peccado mais que isso. Tenho menoscabado e odiado o seu nome. Tenho-o reprovado, porque julguei que queria tirar-te a mim, e vejo quão mal o conhecia.»

«Tu ouvés,» continuou Victoria em voz baixa e profunda. «Tu ouvés. Senhor, e tu perdoas; por esta também padeceste.»

Não podia dizer mais. Durante algum tempo a velha não podia acalmar-se. Então trocaram-se os seus soluços em lagrimas placidas; até que, levantando-se meigamente, beijou Victoria na testa e voltou para fazer o serviço da casa.

Dali a pouco veio Rhoda saber da doente como estava.

«Acabo de fazer o mais que posso para lançar a de novo em uma febre, disse Graia, mas Rhoda percebeu o que daria o seu

tom e semblante feliz, o d'ali em diante ficou entendido entre os tres que era um com ellas, e ainda que se assentasse callada ou se occupasse com seu trabalho, enquanto fallavam uma com outra, sabião que no coração estava com ellas.

O delírio não tornou a voltar.

Um velho de cabeça branca deixou-se vêr muitas vezes perto da porta da pequena casa, ou depositando mysteriosamente fructos e flores na janella; mas não foi senão alguns dias depois da sua volta á casa que Graia o reconheceu.

«Pothino!» exclamou ella, «pensei que nos tinhas abandonado.»

«E' verdade,» retrucou elle. «A menina está melhor?»

«Bastante melhor para vos poder fallar,» disse uma doce voz do interior.

Elle entrou e ficou como réo, olhando attentamente Victoria.»

«Viverá!» disse elle em fim, «mas fiz o que pude para mata-la.»

Viestes aqui para insultar-nos desta maneira?» exclamou Graia com algum tanto do antigo tom de hostilidade.

«E' verdade,» e elle continuou, em uma voz que a Graia parecia muito deliberado e insolente, mas que chamou as lagrimas aos olhos de Victoria. «Eu disse-lhes que forão os christãos que trouxeram as chuvas e estragaram as ceifas. Não cri eu mesmo as minhas palavras, mas o povo sim; era minha, pois, a culpa, e não sua. Sabia a todo o tempo a verdade qual era, e agora posso também confessal-a. Não teria podido, porém, se tivesse morrido aquella que tudo me ensinára.»

Victoria chorou, mas sua avó mostrou-se mais insultada de que benigna, e murmurou «Creio que não.» E então, como quem se lembra repentinamente de alguma cousa, approximando-se do velho, disse, —«Podemos ambos ficar juntos, Pothino. Eu também fui hypocrita, e muitas vezes reprovei o ella ir onde o meu coração me dizia que eu também devia ir. E também não foste tu quem lançaste as pedras.»

«Fiz peior,» disse com solemnidade. «Oh Victoria! já posso considerar o meu crime tal qual é, pois creio que mesmo este seja coberto e perdoado. Mas, pobre filho, deixa-me ouvir-te fallar outra vez.»

Victoria virou para elle o seu semblante alegre e risonbo, e disse:

«Foste tu quem me trouxeste para casa. Foste tu quem mandaste a liteira, de ma-

neira que foi elle quem me salvou a vida, vóvó.»

Elle não negou; e Graia ficou commovida.

«E estes fructos e flores tambem,» proseguiu Victoria.

«Não são meus,» respondeu. «Repara á tarde para a porta do palacio.» E foi-se.

Victoria espreitou, como o recommendara, até que, no lusco fusco, viu sahír da porta e approximar-se da janella uma agíl figura de mulher vestida de luto.

Escondida pela escuridão do pequeno quarto viu a senhora tirar calladamente debaixo da capa um cestinho, e deitar na janella com muito cuidado as fructas que continha. Victoria se approximou e deitando a mão na da senhora disse:—«Querida senhora, permite que saiba a quem devo agradecer» «Não haveis de conhecer-me por nome», foi a resposta. «Sou Mariamne, filha de Ione.»

Não conhecer o nome que das suas orações não faltára por um só dia durante annos—nem mesmo sequer no seu delirio! Victoria estremeceu, sentindo avizinhar-se tanto a supplicada benção. Era o mesmo que ver a Deus; e a carne falhava.

Mariamne proseguiu:

«Talvez nem haveis de me conhecer mesmo que me visseis. Já me viste uma vez, mas dizem que estou muito mudada. Lembra-te daquelle dia que vieste tratar dos meus vestidos e nos fallaste das nupcias do evangelho? Todo o gozo que então no mundo esperava, sumiu-se, mas a alegria em que nos fallaste, só agora é que principia para nós.

«Na minha afflicção lembrei-me das tuas palavras, naquella bemaventurada esperança morreu o meu marido, e na mesma tambem vivemos nós outros.»

A conversa concluiu-se dentro da humilde morada e findou em lagrimas e orações, misturadas com graças a Deus.

O primeiro ajuntamento a que Victoria pôde assistir deu-se no palacio de D. Ione. O calix e o pão de benção ali se repartiram, e era como uma anticipação de um dia de festa que jámais se acabará em lagrimas quando Graia a Victoria e Rhoda, filha do carpinteiro, se sentaram a uma mesma mesa com D. Ione e a viuva Mariamne, hospedes de um mesmo Senhor, filhas de uma mesma familia.

Quando Graia passou para o seu eterno descanso, um dos quartos do palacio se

tornou morada de Victoria, mas a antiga humilde casa no becco não ficou sem habitante, nem triste. Pelas duas janellas as estrellas e o sol alumia-vão na sua morada christã a Pothino servo de Christo e da igreja de Deos em Antioquia.

Jesus sendo meu,
Sou muito feliz;
Eu vou para o céo,
Meu lindo paiz.

Eu não o mereço;
Sou vil peccador;
Mas, crendo, conheço
O bom Salvador.

FIM.

NOTICIARIO

REUNIÃO ESPECIAL.—Com o fim de passar revista nos trabalhos effectuados durante o primeiro semestre deste anno pela União Bíblica Auxiliadora da Igreja Evangelica Fluminense, foi convocada uma reunião especial de animação, que se realisou no dia 23 do corrente, na rua Larga de S. Joaquim, com brilhantismo.

Às 7 e pouco da noite, o pastor da Igreja, Sr. João dos Santos, presidente honorario da União, abriu a reunião com oração e hymno. Depois de ler um trecho da Escripura e fazer algumas considerações, convidou os presidentes das comissões a lerem os seus relatorios. Depois o Sr. A. Marques historiou com emphase os trabalhos da Sociedade de Evangelisação, desde 1890, demonstrando como o Senhor tem abençoado o seu trabalho e terminou fazendo um appello para que oremos ao Senhor afim de que prepare moços para o seu Santo ministerio. Depois o Sr. Leonidas fallou sobre a Igreja Evangelica Nictheroyense, a relação de seus membros e o que pretendem fazer lá e propoz que se fizesse uma collecta em beneficio das obras. Logo que terminou, o Sr. Santos consultou o auditorio, que approvou a idéa. Feita a inesperada collecta que rendeu 104\$000, foi lido o relatorio da Escola Dominical e cantado o hymno «Patria minha». Depois da benção foram todos convidados a tomar uma chavena de chá. O salão esteve repleto e houve muita animação.

ANNIVERSARIO DA A. C. M.—A Associação Christã de Moços festejou o seu 9º anniversario, no dia 4 do corrente, com uma bonita festa.

O orador official, Dr. Antonio Teixeira da Silva, fez um bello discurso, que foi publicado no *Jornal do Commercio*, por ordem do seu redactor-chefe. Seguiu-se a parte musical, tomando parte nella amigos dedicados da sympathica Associação. No fim, o Exmo. Conselheiro Leoncio de Carvalho, commovido pela simplicidade e animação da festa, dirigiu algumas palavras de enthusiasmo e apreciação.

Os oradores foram muito applaudidos. O salão esteve repleto de socios e de muitas familias.

PASSEIO.—No dia 14 do corrente, á tarde, realiso-se um passeio dos socios da Associação C. de Moços á chacara do digno secretario geral, Sr. M. A. Clark, na Copacabana.

Ao anoitecer foram á praia, donde apreciaram um magnifico luar. Regressando á casa do Sr. Clark, passaram o resto do tempo em divertimentos familiares.

Este passeio foi muito concorrido e os socios manifestaram-se muito gratos ao Sr. Clark, á sua exma. esposa, D. Chiquita Clark e a suas dignas irmãs, pelo magnifico e proverbial acolhimento que lhes deram.

RELATORIO ANNUAL.—O nono relatorio annual da A. C. M. acaba de ser publicado em folheto.

Contém muitos dados interessantes e deve ser lido com interesse.

Os que desejarem possuil o deverão dirigir-se ao secretario geral á rua da Quitanda 39, 1º andar.

Agradecemos o exemplar recebido.

ALLIANÇA EVANGELICA:—O Sr. Dr. Teixeira da Silva, secretario da Alliança Evangelica de S. Paulo, em companhia do Sr. Domingos d'Oliveira, thesoureiro da mesma, foi comprimentar o novo presidente do Estado de S. Paulo, Dr. Bernardino de Campos, em nome da mesma Alliança.

Sua Exia. recebeu amavelmente os representantes desta organização.

HOSPITAL EVANGELICO:—A segunda Kermesse realisada no dia 14 do corrente, em beneficio das obras do Hospital Evangelico, rendeu a quantia de rs.

1:800\$000 que reunidia á importancia da primeira, rs. 3:700\$000, prefaz a importante somma de rs. 5:500\$000.

Como na primeira, reinou muita animação e alegria durante a kermesse.

IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE.—No domingo, 6 do corrente, foram baptisados os jovens Alipio de Mendonça Montenegro e Eugenio Marques da Cruz.

Nossos sinceros parabens.

—Esta igreja, depois de muito estudo sobre as qualidades requeridas pelas Escripturas para os cargos de presbyteros e diaconos, acaba de escolher para presbyteros os irmãos José Luiz Fernandes Braga e Antonio Gonçalves Lopes, e para diaconos Alberto da Rosa, Ismael Cardoso da Silva e Antonio d'Assumpção.

Ha muitos annos que esta igreja resentia-se da falta de officies, por terem fallecido os mais vellos e por ter a igreja crescido muito.

Fazemos oração para que o Senhor dirija os novos officies no desempenho de seus importantes cargos.

—A União B. Auxiliadora por occasião da sua reunião especial no dia 23 do corrente offereceu á igreja a installação incandescente em todos os bicos pequenos da Casa de Oração e no pulpito, onde foram collocados globos artisticos. Os Srs. Antonio Oliveira & Silva offereceram osapparelhos dos corredores.

A despeza da installação geral foi coberta por uma subscrição particular.

—A Bibliotheca da União, com mais de 200 volumes, continúa ao dispôr dos membros e congregados. Os pedidos devem ser feitos aos Srs. Antonio R. S. Pereira, Luiz F. Braga, Julio X. M. Couto.

CONTRACTO.—Em S. Paulo o Sr. Ed. Tromposky, digno seminarista, contractou casamento com a Exma. Sra. D. Bella Carvalho, digna filha do Rev. Modesto P. B. de Carvalho, ministro da Igreja Presbyteriana Unida de S. Paulo.

—A distincta professora de musica, Exma. Sra. D. Theresia Deslandes, contractou casamento devendo o acto provavelmente realizar-se por todo o mez de Agosto.

A todos, as nossas sinceras felicitações.

A Vida de Jesus, de James Statker. — Estavamos no ponto de iniciar a publicação da tradução de alguns capítulos desta esplendida obra, que graciosamente nos havia sido offerecido pelo Rev. Modesto P. B. de Carvalho, de S. Paulo, quando recebemos da Sociedade de Tractados um volume da tradução dessa obra feita pelo Sr. João S. Canuto, de Lisboa.

Agradecendo a gentileza da offerta e achando agora desnecessario a publicação do manuscrito que tínhamos, recomendamos esta tradução a todos os crentes em Nosso Senhor Jesus Christo.

FALECIMENTO. — Tivemos noticia do fallecimento, na cidade de Manãos, do tenente Licínio Jansen Tavares, quando ia seguir para o Amazonas. Era irmão dos nossos distinctos collaboradores Antonio e Jesse Tavares. Aceitem esses nossos amigos e suas Exmas. familias os nossos pezames.

NICHTHEROY. — Bonita festa foi a da Sociedade União Evangelica Auxiliadora de Nichteroy, commemorando o seu anniversario e a tomada de posse da nova directoria.

Foi lido o relatorio, que demonstrou muito progresso e muitos serviços prestados. O presidente da reunião, Sr. Leonidas Silva deu posse á nova directoria e em seguida fizeram as suas saudações representantes das congregações do Encantado e Rua Larga, do Gremio Dorcas, da Associação Christã de Moços, da Sociedade Biblica Juvenil, da Associação de Propaganda, da Redacção d'*O Christão*, etc.

Em seguida, foram convidados os presentes a reunirem se num salão contiguo onde com o auxilio da lanterna magica foram proficientemente expostos e explicados *Os Phenomenos Physicos da Natureza* pelo nosso irmão Sr. Myron A. Clark.

A reunião acabou muito tarde e esteve muito concorrida.

Agradecemos o amavel e delicado convite que nos foi dirigido.

— Os moços da Igreja da Rua da Praia pretendem publicar no proximo mez um jornal quinzenal de propaganda com o titulo *A Luz da Verdade*.

Que seja muito bemvindo por todos são os nossos votos.

PETROPOLIS. — Ao digno agente da Sociedade Biblica Britannica, Rev. Frank Uttley, a congregação ingleza de Petropolis offereceu um relógio de ouro, como reconhecimento pelos serviços que graciosamente lhe tem prestado.

SALVA A TEMPO. — A filhinha do Sr. Capitão Barros Junior escapou de ser victima de um terrivel desastre. O cortinado do berço onde a pequenina Dorka estava dormindo incendiou se, ardendo não só o cortinado como o travesseiro. Graças a Deus, a pequenina foi salva a tempo.

Por este motivo os seus dignos paes dão muitas graças ao Senhor.

CONFERENCIA ANNUAL. — Realizou-se na cidade de Juiz de Fóra, a 17.^a conferencia annual da Missão Brasileira Methodistista nos dias 24-28 do corrente.

Como resultado desta conferencia foram transferidos para esta cidade: da Igreja de Petropolis para a de Villa Isabel o Rev. Guilherme da Costa; da de Bello Horizonte para gerente da Casa Publicadora, o Rev. João E. Tavares; da de S. Paulo para a do Cattete e Jardim Botânico o Rev. Jovelino M. Camargo.

Foram removidos desta capital: o Rev. José da Costa Reis, para presbytero presidente do Districto de S. Paulo; o Rev. Leonel Lopes para a Igreja de S. Paulo; Rev. Hyppolito Campos para a de Bello Horizonte.

Felicitando os nossos irmãos sentimos não poder dar uma noticia mais extensa.

«CONSOLO CELESTE.» — Publicamos em outra parte deste numero uma poesia do nosso estimado irmão Alferes Luiz Ferreira Sobrinho com o titulo acima, e aproveitamos esta occasião para darmos os nossos pezames ao nosso digno irmão pelo fallecimento de sua extremada esposa.

REV. JOHN W. PRICE. — Deu-nos a honra de sua visita o nosso prezado amigo, Rev. John W. Price, missionario methodista em Santa Maria da Bocca do Monte, Rio Grande do Sul.

O Rev. Price partiu no *Itaperuna* em companhia do Rev. M. Dickie, presbytero presidente do districto.

HELP FOR BRAZIL. — Dentro de poucas semanas estará entre nós o superintendente desta missão acompanhado de um novo missionario.

Damos-lhes as boas vindas.

NOVA CASA DE ORAÇÃO. — E' provavel que durante o mez de Agosto sejam iniciadas as obras da Nova Casa de Oração da Igreja Evangelica Nictheroyense, á rua da Praia.

As plantas já foram approvadas e os constructores escolhidos.

Parabens aos irmãos nictheroyenses.

NOVA CASA DE ORAÇÃO EM PORTUGAL. — No dia 15 do p. p. foi inaugurada a casa de oração em Abrantes. Estiveram presentes ao acto, o Sr. Pedro de Castro da Silveira, ao Sr. Lemos, de Portalegre, o Sr. Raul Gonçalves, do Porto e varios outros crentes de diversos logares entre elles o commandante boer Mostart, sua senhoras, e mais nove de seus commandados.

Esta casa foi preparada pelo Sr. Carvalho, com ajuda de alguns amigos, e tem capacidade para 300 pessoas. A' hora marcada para a inauguração, 4 da tarde, a casa estava cheia estando algumas passoaes em pé, reinando maior silencio, ordem e respeito.

Principiou o serviço com o hymno 329 a oração e a leitura do capitulo III de S. João e 1.^a Epistola do mesmo apostolo, seguindo-se um breve discurso pelo irmão M. S. Carvalho. Em seguida fallou o Sr. Pedro de Castro da Silveira, depois o Sr. A. C. P. Mostart, do Transvaal, servindo de interprete o incansavel irmão H. M. Wright o qual expoz os bons e verdadeiros sentimentos christãos dos Boers, de ambos os sexos que alli estavam representados pelo seus commandantes.

Em seguida fallou o Sr. J. M. Lemos e depois o Sr. Raul Gonçalves. Durante o serviço cantaram os hymnos 138, 147 e 157, os quaes forão distinctamente cantados, pelos Portuguezes. e pelos boers.

Concluiu-se o serviço com saudações das diferentes igrejas alli representadas, e oração pelo Sr. Wright. O irmão Raul Gonçalves ficou encarregado de dirigir o culto aos domingos, e uma classe biblica visto ter-se mudado para. Abrantes assim como a Sra. D. Amelia Roza Marques Feliz de dirigir uma classe para senhoras.

Consta que o commandante boer sabendo que se ia inaugurar a casa de oração em

Abrantes, pediu para la ir dar o seu testemunho de crente evangelico e do poder de Deus aos seus visinhos, antes de partir para a Africa sua patria.

Toda a honra e gloria seja dada ao Senhor que permite, que o seu glorioso Evangelho se vá estendendo em Portugal.

A PROVIDENCIA DE DEUS. — O Commandante boer o Sr. H. P. Mostert foi ao Porto, para dar o seu testemunho de Jesus; fallou alguma cousa a grandes ajuntamentos, que foram muito interessantes, pois entre muitas coisas maravilhosas que Deus tem feito entre os boers que estavam prisioneiros em Peniche, disse que de uns 350 que lá estavam aquartelados, mais de 200 foram alli convertidos ou revivificados e que por todos os lados se encontraram grupos entre as rochas orando e louvando ao Senhor.

E' possivel que, se não tivessem sido obrigados a sahir da sua terra por causa da guerra não teriam tido oportunidade de se voltarem para o Senhor Deos. Bemdito louvado seja o Senhor que ainda por meio das maiores tribulações está sempre prompto a ouvir e acceitar aquelles que o procuram do coração, pois não ha maior felicidade nesta vida que ter a salvação e paz com Deos, e o privilegio de ser considerado seu filho pela fé herdeiro da patria celeste como acharam aquelles boers em Peniche oxalá que a resolução delles sirva de exemplo a todos.

H. M. WRIGHT. — Este irmão abençoado e incansavel em dar testemunho de Jesus e ajudar os crentes na obra de Evangelisação, ultimamente, esteve em Lisboa, Setubal, Abrantes, Portalegre e Figueira da Foz tendo em todos os lugares grandes ajuntamentos.

«Formosos são os pés daquelles que annuncião a paz.»

Que o Senhor dirija os passos e as palavras deste seu fiel servo de maneira que muitas almas por meio d'elle venham ao conhecimento da grande Salvação em Portugal, é o desejo d'O Christão.

PERSEGUIÇÃO EM BUARCOS. — A grande perseguição que o irmão M. S. Carvalho soffreu em Buarcos está se tomando em benção para muitas almas. O caso da perseguição e pregação tem-se espalhado muito por aquellas terras até Coimbra, e muitas pessoas por essa causa estão tendo interesse e indagando as cousas de Deus.

A POBREZA DO PAPA LEÃO XII.

—O «*Lady's Realm*», de Abril, relata alguma cousa de inedito particularmente acerca dos magnificos presentes que lhe foram offeridos por occasião do seu recente Jubileu, cujo valor está calculado em uma somma não inferior a *dous milhões esterlinos* pelo menos!

Entre as magnificas joias que constituem a parte mais valiosa dessas dadas figuravam 28 tiaras, 319 baculos cravejados de diamantes e outras pedras preciosas, 1200 calices de ouro e de prata, 81 aneis, dos quaes um apresenta a curiosa particularidade de haver sido offerecido ao chefe da christandade pelo chefe do islamismo, o abjecto Sultão turco, que nelle empregou o melhor de 20.000 libras esterlinas, maculadas de sangue armenio e christão. Citemos ainda sete estatuas de ouro e de prata e o maior diamante do mundo, avaliado em 800.000 libras e que foi offerecido ao Papa pelo ex-Presidente Kruger, —pelo menos assim o affirma o «*Lady's Realm*». Uma senhora americana presente ou Leão XIII com uma esplendida tabaqueira de immenso valor, contendo um cheque de Libr. 10.000, representando a sua contribuição pessoal para o dinheiro de S. Pedro, que já rendeu ao Papa actual para cima de quatro milhões esterlinos, depositados em parte no Banco de Inglaterra e em parte nos grandes estabelecimentos bancarios do continente.»

Eis o milionario substituto de Christo na terra!

RESULTADOS DA GUERRA.—Uma guerra entre duas nações é sempre um desastre, tanto para o vencido, como para o vencedor. A Inglaterra foi a vencedora na guerra sul africana; e quanto lhe custou a victoria?...

«Segundo uma estatistica publicada por um jornal inglez, houve 502 officiaes e... 5.114 homens mortos durante a guerra do Transvaal; 1.784 officiaes e 20.432 soldados feridos; 176 officiaes e 1.774 soldados mortos em consequencia dos ferimentos; 384 officiaes e 9.181 soldados prisioneiros. Isto é, um total de 2.670 officiaes e 34.726 soldados fóra de combate.

Os prisioneiros inglezes, tendo sido regularmente soltos pelos Boers, o total acima se acha sensivelmente reduzido. Em compensação, o algarismo das mortes cresceu, em virtude dos fallecimentos devidos a molestias ou a outras causas: 313 offi-

ciaes e 12.303 soldados morreram de molestias; 5 officiaes e 97 soldados morreram presos; 24 officiaes e 613 soldados succumbiram em consequencia de accidentes; enfim, 7 officiaes e 478 soldados morreram depois do seu repatriamento, o que dá, com as perdas soffridas nos campos de batalha e os feridos mortos nos hospitaes, um total de 1.027 officiaes e 20.000 soldados, isto é, 21.536 mortos.

Quanto ás perdas em dinheiro que a guerra sul-africana terá custado ao Theouro britannico, avaliam-se em *cinco milhares e duzentos milhões*, algarismo official dos creditos pedidos á Camara.

Mas é difficil avaliar o numero de milhares que o commercio e a industria perderam durante essa guerra de 31 mezes.

Eis o preço da victoria! Esses algarismos fallam mais eloquentemente que qualquer commentario, e calam profundamente no espirito.

Tudo, a Inglaterra poderá pagar no fim de muitos annos; porém jamais pagará a vida dos 21.536 que por ella morreram!

Nem preencherá no lar luctuoso das pobres familias, a falta que esses 21.536 mortos ali fazem!

E faltam ainda os mutilados, e os inválidos, e os aleijados por toda a vida!

Isto só do lado dos inglezes; e do lado dos Boers, e que ainda ignoramos?...

Talvez o dobro dos mortos... Sim; a guerra é uma cousa monstruosa e terrivel! Rogamos a Deus, que venha logo o seu reino, que é o reino da Paz, do Amor, e da Fraternidade universal.

E estes espectaculos de mutuos assassínatos, em massa—com o nome de guerra, deixarão então de existir!...

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A Peregrina ou a *Viagem da Christã*. —Da Sociedade de Tractados Religiosos, de Lisboa, acabamos de receber e agradecemos um exemplar desta importante obra, muito conhecida em toda a parte do mundo e complementar da que já ha muitos annos temos em nossa lingua—O Peregrino. Dizendo que a traducção foi feita pelo nosso digno irmão Rev. Alfredo da Silva, do Porto, nada mais necessitamos dizer sobre a sua fidelidade.

O catholicismo romano e o *christianismo puro*.—Recebemos do Ilm. Sr. Dr. Teixeira da Silva, esta obra de sua lavra, que acaba de sahir a lume e em outra parte damos uma apreciação do seu conteúdo.